



## REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA À PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - NÚCLEO ARTE - UFPEL

KATIANE FERREIRA<sup>1</sup>; ANDREIA CRISTINA DE SOUZA LANG<sup>2</sup>; LUCIANA E. LOZADA TENÓRIO<sup>3</sup>; MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [katidescom3e@gmail.com](mailto:katidescom3e@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [andreiaslang@gmail.com](mailto:andreiaslang@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [luciana.tenorio@ufpel.edu.br](mailto:luciana.tenorio@ufpel.edu.br)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - [marcoaurelio.souzamarco@gmail.com](mailto:marcoaurelio.souzamarco@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo descreve as experiências de uma residente bolsista no programa de residência pedagógica da Universidade Federal de Pelotas, no núcleo de arte. A partir de suas observações e anotações feitas na escola, a residente percebeu que alguns comportamentos das crianças estão relacionados à identidade de gênero, que frequentemente se repetem. A fim de buscar soluções em práticas educativas, encontra, por meio de pesquisa, os textos da autora Guacira Lopes Louro (2003), em que ela explica o porquê do gênero fica explícito nas crianças na fase da escola, e como as referências de gênero construídas por elas afetam a forma com que enxergam o "ser menino" ou "ser menina". Neste trabalho, é promovida uma discussão sobre como as crianças exercem as identidades de gênero em sala de aula e a problemática em torno disto, na qual pode-se pensar a educação por meio da arte como processo de transformação e consciência das desigualdades de gênero.

### 2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado através de pesquisa de campo na escola E.M.E.F. O Dr. Mário Meneghetti, situada no bairro Getúlio Vargas, em Pelotas, usando a metodologia qualitativa no viés da pesquisa social<sup>1</sup>. Tendo como principal procedimento a observação das aulas de 2º ano, da professora de música Andréia Lang, e registros sobre a regência de aulas da residente Katiane Ferreira, em uma turma de 3º ano através de diário de bordo, relatos de experiência, fotografias e gravações em vídeo. As reflexões foram elaboradas a partir de pesquisa bibliográfica e apresentadas neste resumo por meio de discussão, colaboração e orientação envolvendo a professora preceptora da rede municipal, Andreia Lang e os professores orientadores universitários Luciana Tenório e Marco Souza.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observar as aulas de música dos 2ºs anos, a residente descreveu em seu diário, como as meninas ficavam empolgadas com as maquiagens que traziam de casa e como a chamavam para se sentar junto delas para mostrar seu kit de sombra para olhos, seus batons e seu rímel. Ao perguntar se a mãe delas permitia que trouxessem a maquiagem para a escola, as alunas responderam que sim, inclusive, que a mãe havia dado o material. Outra menina, dessa mesma

---

<sup>1</sup>DESLANDES, S. F.; GOMES R.; MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social: **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

sala, simulava ter unhas grandes com massinha de modelar e adesivos, mostrava o que tinha feito nas unhas, esperando ser elogiada pela residente.

As cenas dessas meninas de 8 anos intrigou a residente, pelo fato delas expressarem essa vaidade feminina logo tão cedo. A residente também resgatou memórias de quando tinha a mesma idade das alunas e pegava a maquiagem de sua mãe escondida para brincar de ser adulta. Através da brincadeira as crianças aprendem sobre o mundo, no texto: A construção dos estereótipos de gênero na educação infantil e ensino fundamental I (2019), a autora Tânia Spicka cita a estudiosa Daniela Finco, que alerta sobre o papel pré-determinado nas brincadeiras infantis:

De acordo com Finco (2003), é na brincadeira que a criança se manifesta culturalmente, isto é, não se pode considerar algo normal a menina ou o menino possuir um papel pré-determinado para ele/a nas brincadeiras e em nossa sociedade. (Apud. SPICKA, Tânia, 2019. p. 13)

Essas encenações que acontecem nas brincadeiras com as meninas é a busca de se entender enquanto feminina, já que a identidade de gênero é a contínua repetição estilizada desses atos (BUTLER, 1998). Foi possível perceber, em sala, que essas encenações, também chamadas de performáticas<sup>2</sup>, podem ser observadas nas meninas relacionadas à beleza e ao comportamento quieto. Numa escola, ouvimos bastante que as meninas são mais boazinhas, já o comportamento dos meninos tende a ser mais agitado e de briga com os colegas (FINCO, 2008 apud SPICKA, 2019).

Em uma das observações a residente presenciou uma pequena discussão entre dois meninos: um deles tinha pego algo e não queria devolver, então apareceu outro garoto que o afrontou para tomar posse do objeto. Logo, um desses meninos disse: "você não é o machão? Você quer ser o machão?", o outro menino se posicionou de frente para ele enquanto fazia uma postura para ficar maior que o outro, com suas mãos cruzadas atrás das costas. Essa cena poderia acontecer entre dois homens adultos, mas foi observada em duas crianças de 8 anos de idade, um exemplo de que quando eles brincam ou encenam essas discussões, estão construindo dentro de si o que é "ser menino", já que isto é o esperado que homens façam.

O gênero é algo construído socialmente e essa construção acontece pelo referencial ao qual essas crianças têm acesso: redes sociais, televisão e pelas pessoas que os cercam. No texto Tecnologia de gênero, Teresa de Lauretis afirma como o cinema pode ser uma referência de representação de gênero:

"[...]Para isso, pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica Foucaultiana, que vê a sexualidade como uma "tecnologia sexual"; dessa forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana." (LAURETIS, 1987)

Ao longo dos meses em que a residente frequentou a escola, percebeu que as redes sociais são um dispositivo social<sup>3</sup>, na qual as crianças se baseiam para encenar suas realidades e brincadeiras. A cada dia que se passa, os

<sup>2</sup> Para Butler, ações atribuídas aos gêneros são atos que podem ser entendidos de um ponto de vista teatral, sendo assim a realidade dos gêneros só se faz real se estiver sendo performática (.p 234)

<sup>3</sup> Dispositivo social é um termo usado pela sociólogo Émile Durkheim.



professores observam a forma como os modismos ditados pelas redes sociais influenciam como um todo, as crianças na escola. Mas fazendo um recorte para o gênero feminino, a influência da maquiagem é muito grande, sendo prejudicial na construção dessa imagem de beleza feminina. Esse modelo de mulher que essas meninas consomem nas redes sociais é o padrão social imposto, que muda conforme o tempo e o modismo, e faz com que as mulheres “corram” para se adequar a ele. Sendo assim, desde muito cedo, neste caso, aos 8 anos, essas meninas já estão nessa corrida, mesmo que de brincadeira, em direção ao ideal de feminilidade imposta. Mas e quando a menina não busca esse padrão de feminilidade? Será que todas as meninas agem da mesma forma, na escola?

Nem todas as meninas performam esses referenciais de feminilidade citados neste texto, porém o que foi observado é que as meninas que não o fazem, ficam mais excluídas, visto que a partilha da feminilidade agrupa as mulheres (WOLF, 1992). E quando as meninas performam atitudes que são vistas socialmente como naturais de meninos, elas são punidas por isso e questionadas sobre sua sexualidade. Um exemplo, ocorreu no 3º ano, turma na qual a residente assume atividades de regência de aulas. Uma das estudantes participa das brincadeiras com os meninos tais como, jogar bola, estalar bico, bater cartinha, lutinha, entre outras. Certo dia, a turma cantou “com quem será”, devido ao aniversário da residente, e depois generalizou para a turma. Ao se referir à essa estudante específica, a suposição de casamento, na música, foi com outra menina da sala. É possível enxergar essa “brincadeira” da turma como punitiva, devido ao desconforto da aluna, mas também entendendo que a sexualidade é questionada socialmente quando a masculinidade/feminilidade não é exercida nos padrões esperados.

Pensando nas problemáticas de gênero observadas através das aulas, a residente elaborou um plano de ensino para o trimestre, com objetivo de compreender esses papéis de gênero, para desconstrução de modos limitantes de comportamento pautados em ser menino ou menina. A ideia foi trabalhar com cantigas infantis, com temas que envolvessem identidades de gênero, portanto, as cantigas escolhidas foram Terezinha de Jesus e o Cravo e a Rosa. O planejamento consiste em 10 aulas nas quais a residente apresenta uma das cantigas à turma para que cantem em coletivo e, em seguida, conduz uma conversa sobre a cantiga, a fim de criar uma história na qual se desconstruam os papéis de gênero impostos nela. Na última aula está prevista uma exposição e conversa sobre os trabalhos desenvolvidos pelas crianças.

Na primeira aula, a turma de 3º ano realizou a cantiga em roda no pátio da escola e a residente promoveu uma conversa sobre a cantiga Terezinha de Jesus. Perguntou a eles se sabiam o que era *cavaleiro*<sup>4</sup>. As meninas responderam que seria alguém que resgata a princesa, já os meninos falaram sobre o cavaleiro que luta, que usa armadura. Perguntou então, por que eles acreditavam que a Terezinha havia caído. Alguns responderam que ela tinha tropeçado, outros que tinha desmaiado, mas um deles respondeu que ela estava lutando na guerra, e assimilou a Terezinha ao cavaleiro: "como estavam em guerra, havia muita coisa no chão e ela caiu por isso!". Os demais estudantes começaram a formular histórias a partir dessa versão da Terezinha cavaleira. É surpreendente que a história que eles criaram tenha um papel de gênero mais igualitário, de pensar que a Terezinha também poderia ser uma cavaleira.

---

<sup>4</sup> Em uma adaptação do termo homófono, citado na canção: *cavalheiro*.

Já na segunda aula com a turma, houve uma grande dispersão das crianças e pouco foco para continuar a cantar a música. Ao perceber a desatenção, a residente tentou conversar sobre a letra da cantiga, o que abriu margem para que os alunos pensassem que poderiam brincar. Apesar do esforço para chamar a atenção deles para a conversa, o planejamento não ocorreu como esperado, e eles continuaram brincando. Esses momentos são de aprendizado para que na aula seguinte a abordagem seja diferente.

#### 4. CONCLUSÕES

As aulas ainda estão em desenvolvimento, até agora foi possível observar que as meninas interpretam a cantiga Terezinha de Jesus, relacionando-a com a temática amorosa, o que não as limita a acreditarem na possibilidade de uma história de luta/batalha. Os meninos conseguem criar histórias heroicas usando personagens femininas com certa facilidade, mas a agitação deles e as constantes brincadeiras de luta, que se transformam em brigas, tumultuam o andamento da aula. Mesmo assim, foi possível perceber que o desenvolvimento das aulas explorando a perspectiva de gênero à partir das linguagens artísticas é promissor. Algo aprendido pela residente, na escola, foi lidar com a quebra de expectativa sobre o resultado. Na 1ª aula o objetivo planejado foi desenvolvido, já na 2ª aula, o planejamento não ocorreu da forma esperada. Nesses casos, entendemos que seja importante analisar o que saiu fora do controle, para abordar de maneira diferente, nas próximas aulas, o que não foi como esperado. Os estudantes das turmas em questão estão em uma fase de simulação da realidade social, e ter a oportunidade de compreender como eles fazem isso é algo muito valioso. Se os alunos conseguirem refletir um pouco, que seja, sobre gênero, à partir das atividades artísticas propostas, o objetivo do planejamento de ensino exposto neste resumo terá sido atingido com sucesso.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 ed.- Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

BUTLER, J. **Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**, 1998. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**, ed. 1, 2019, RJ

SPICKA, T. **A construção dos estereótipos de gênero na educação infantil e ensino fundamental I**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, SP, 2019.

LAURETIS, T. **A tecnologia de gênero**. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**, Rio de Janeiro: Editora Bazar do tempo, 2019. P. 123 - 161.

WOLF, N. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.